



Scientific Electronic Archives

Issue ID: Vol.19 (4), Jul/Aug 2026, p. 1-7
DOI: <http://dx.doi.org/10.36560/19420262235>
+ Corresponding author: jeanlipreri@usp.br

HIV/AIDS, marginalização e expectativa de vida da população transsexual: revisão integrativa

HIV/AIDS, marginalization, and life expectancy of the transgender population: an integrative review

Jean Carlos Lipreri da Silva ¹, Isis Della Flora ², Liandra Pereira Luca ²

¹ Universidade de São Paulo

² Faculdade Atenas

Resumo. Esta revisão sistemática destacou o impacto do HIV/AIDS na expectativa de vida e marginalização das pessoas trans. A busca ocorreu nas bases LILACS e MEDLINE entre abril e maio de 2025, seguindo o protocolo PRISMA. Foram incluídos estudos de 2020 a 2025, em português, inglês e espanhol, que abordassem HIV/AIDS, discriminação, expectativa de vida e acesso à saúde em pessoas trans. Os achados revelam vulnerabilidades resultantes de fatores estruturais, sociais, psicológicos e programáticos. A discriminação de gênero reduziu o acesso a consultas médicas e testagem para HIV. Mulheres trans apresentam até 34 vezes mais risco de infecção que a população geral. Estigma, desigualdades socioeconômicas e falhas nos serviços comprometem adesão ao tratamento. Problemas de saúde mental, como depressão, ideação suicida e uso de substâncias, ampliam a vulnerabilidade. A exposição precoce em adolescentes reforça a necessidade de estratégias específicas de prevenção. Intervenções digitais mostraram potencial para ampliar testagem e prevenção. Observou-se que o HIV/AIDS é também reflexo das desigualdades estruturais que atravessam as vidas trans. Reduzir a mortalidade exige políticas inclusivas, prevenção combinada, suporte em saúde mental e reconhecimento da pauta como prioridade ética e política.

Palavras-chave: HIV/AIDS, Transsexualidade, Expectativa de Vida, Vulnerabilidade Social

Abstract. This systematic review highlighted the impact of HIV/AIDS on life expectancy and the marginalization of the transgender population. The search was conducted in LILACS and MEDLINE databases between April and May 2025, following the PRISMA protocol. Studies published between 2020 and 2025 in Portuguese, English, and Spanish addressing HIV/AIDS, discrimination, life expectancy, and access to health care among trans people. Findings reveal vulnerabilities resulting from structural, social, psychological, and programmatic factors. Gender discrimination reduced access to medical consultations and HIV testing. Trans women have up to 34 times higher risk of infection compared to the general population. Stigma, socioeconomic inequalities, and health system failures compromise treatment adherence. Mental health problems, such as depression, suicidal ideation, and substance use, further increase vulnerability. Early exposure in adolescents underscores the need for specific prevention strategies. Digital interventions showed potential to expand testing and prevention. HIV/AIDS is also a reflection of structural inequalities affecting trans lives. Reducing mortality requires inclusive policies, combined prevention, mental health support, and recognition of this agenda as an ethical and political priority.

Keywords: HIV/AIDS, Transsexuality, Life Expectancy, Social Vulnerability

Introdução

No Brasil, o reconhecimento oficial, pelas autoridades de saúde no Estado de São Paulo, em 1982, do primeiro caso de HIV/AIDS devido a uma transfusão de sangue desafiou a crença predominante de que a infecção afetava exclusivamente homens que mantinham relações sexuais com outros homens (CUETO; LOPES,

2023). Embora os primeiros relatos da epidemia estivessem associados a esse grupo, ficou demonstrado que a transmissão do HIV está relacionada a práticas de risco, como sexo sem preservativo, compartilhamento de agulhas contaminadas — comum entre usuários de drogas injetáveis — e transmissão materno-fetal, quando a

mãe HIV+ apresenta carga viral capaz de transmissão ao feto (WHO, 2012).

Além disso, embora em menor frequência atualmente, a transmissão também pode ocorrer por transfusões de sangue, cuja ocorrência foi reduzida devido ao aprimoramento dos métodos de coleta, triagem e transfusão sanguínea (WHO, 2012; UNAIDS, 2022).

Apesar de a transmissão não estar diretamente relacionada à orientação sexual, algumas populações apresentam maior vulnerabilidade, como é o caso das pessoas transsexuais. Essa suscetibilidade resulta de fatores culturais, socioeconômicos e comportamentais (Veras et al., 2024; FREITAS et al., 2024).

A histórica marginalização social das pessoas trans, refletida no baixo acesso a serviços de saúde — prevenção, diagnóstico e tratamento — e na exclusão de ambientes educacionais, domésticos e de trabalho formal, compromete sua qualidade de vida (ROCON et al., 2016; LEITE et al., 2021). Como consequência, muitas recorrem ao trabalho sexual como forma de sobrevivência, aumentando o risco de infecção pelo HIV (VERAS et al., 2024; FREITAS et al., 2024).

As raízes dessa exclusão são profundas e remontam a eventos históricos, como a condenação à morte da primeira travesti brasileira não indígena, Xica Manicongo, no século XVI, devido ao seu comportamento feminilizante. Essa violência histórica, que ainda persiste, evidencia a contínua discriminação pessoas trans, sistematicamente impedida de viver com dignidade e de acessar direitos fundamentais, como saúde e educação (JESUS, 2019).

Ao longo dos séculos, os direitos dessa população têm sido suprimidos, e sua existência frequentemente é condicionada às margens sociais impostas por processos históricos de exclusão e violência (JESUS, 2019; CRENSHAW, 1991).

Além da suscetibilidade a meios de sobrevivência que as expõem à vulnerabilidade, as pessoas trans apresentam elevada insegurança psicossocial, refletida, entre outros fatores, em níveis acentuados de baixa autoestima (COELHO et al., 2025). Esse fator psicológico atua como variável determinante para a manutenção de vínculos afetivos abusivos e, embora exista conhecimento e medo diante da possibilidade de infecções sexualmente transmissíveis, muitas pessoas permanecem expostas a situações de risco devido às vulnerabilidades emocionais e sociais vivenciadas (VERAS et al., 2024). Como o HIV, a exigência do uso de preservativos tende a ser negligenciada por receio de rejeição ou abandono por parte de seus parceiros, situação motivada, em parte, pela dependência emocional e financeira, pela busca de aceitação, afeto e validação da identidade de gênero (FREITAS et al., 2024; VERAS et al., 2024).

No contexto hospitalar, diversos fatores contribuem para o afastamento das pessoas trans dos serviços de saúde, mesmo em situações de

infecção. Além do receio de preconceito por parte dos profissionais, o medo do diagnóstico positivo para HIV/AIDS — agravado pela possibilidade de sofrer discriminação, inclusive em ambientes anteriormente considerados seguros — compromete o bem-estar dessa comunidade e pode impactar negativamente sua expectativa de vida (ROCON et al., 2016; LEITE et al., 2021).

Além disso, a insuficiência de conhecimento em saúde sobre HIV/AIDS, somada à percepção equivocada de morte iminente decorrente do desconhecimento acerca da existência de tratamentos eficazes, também se mostra relevante para a baixa procura pelos serviços de saúde e para a adesão inadequada aos tratamentos (FERREIRA et al., 2022; ABREU et al., 2020).

Nesse sentido, este estudo tem como objetivo investigar o possível impacto agravante do HIV/AIDS na discriminação de pessoas transsexuais soropositivas, com foco nos impactos sobre a expectativa de vida dessa comunidade.

Métodos

Este artigo trata-se de uma revisão integrativa da literatura, conduzida de acordo com as recomendações do checklist Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA 2020).

A busca bibliográfica foi realizada entre abril e maio de 2025 nas bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE), por meio da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Para a estratégia de busca, foram utilizados os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) "HIV", "AIDS", "Transgender" e "Transsexuais", estabelecidos por meio dos operadores booleanos AND e OR. A busca foi limitada a estudos publicados entre 2020 e 2025, nos idiomas português, inglês e espanhol. Foram utilizados como filtros adicionais, "infecções por HIV", "pessoas trans", "minorias sexuais e de gênero", "Síndrome da Imunodeficiência Adquirida", "transsexualidade" e "populações vulneráveis". Foram incluídos artigos que abordassem a população transsexual em contexto relacionado ao HIV/AIDS, que discutissem discriminação, expectativa de vida ou acesso e adesão aos serviços de saúde, bem como estudos originais, qualitativos ou quantitativos, estudos observacionais e experimentais.

Foram excluídos artigos duplicados, estudos sem texto completo disponível, publicações que não abordavam diretamente os temas centrais propostos e trabalhos não disponíveis gratuitamente. A seleção dos trabalhos embasou-se na leitura prévia de títulos, resumos e, posteriormente, na leitura na íntegra dos trabalhos elegíveis. Extraíu-se dados, como autores, ano de publicação, metodologia, resultados e conclusão. Os aspectos éticos deste estudo seguem a Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 510/2016.

Resultados e discussão

Os estudos analisados evidenciam a profunda vulnerabilidade das pessoas trans frente ao HIV/AIDS, marcada por fatores estruturais, sociais, psicológicos e programáticos.

Leite et al. mostraram que a discriminação de gênero impacta significativamente a adesão aos serviços de saúde: mulher trans que sofreram discriminação apresentaram 71% menos chance de comparecer a consultas médicas e 59% menos chance de realizar testagem para HIV. Esse dado é reforçado por Silva et al., que evidenciam o despreparo das equipes de saúde e práticas discriminatórias, especialmente na atenção básica, comprometendo a continuidade do cuidado.

No mesmo sentido, Abreu et al. e Góis et al. destacaram que as representações sociais sobre o HIV/AIDS, permeadas por preconceito e desigualdade, contribuem para sentimentos de desesperança, naturalização da doença e abandono do autocuidado. Esse contexto também direciona muitas mulheres trans para o trabalho sexual como forma de sobrevivência, aumentando a exposição ao vírus.

Em âmbito global, Dourado et al. encontraram uma prevalência média de 19,9% de HIV entre mulheres trans, valor que confirma a magnitude da epidemia nesse grupo em comparação à população geral. Já Veras et al., em estudo brasileiro, demonstraram que indivíduos não brancos, com baixa escolaridade e maior estigma internalizado apresentam menor probabilidade de alcançar supressão viral, evidenciando como desigualdades raciais e socioeconômicas atravessam a resposta ao HIV.

Freitas et al., em um scoping review, mapearam vulnerabilidades sociais e programáticas que limitam o acesso das pessoas trans à saúde no Brasil, como violência, exclusão escolar e ocupações informais, apontando para a necessidade de políticas públicas específicas.

A questão da saúde mental também aparece como determinante central. Chinazzo et al. identificaram que 72,3% das pessoas trans no Brasil relataram ideação suicida e 42,7% já tentaram suicídio, e 57,6% apresentaram sintomas depressivos; índices alarmantes que superam largamente os da população geral. Coelho et al. reforçam esses achados, ao demonstrar alta prevalência de depressão, ansiedade e uso de substâncias entre travestis e mulheres trans, diretamente relacionados à exclusão social e à violência.

No grupo de adolescentes, Dourado et al. evidenciaram uma prevalência de HIV de 2,7% entre travestis e mulheres trans adolescentes, comparada a 0,4% em mulheres cis, confirmando a vulnerabilidade precoce e a urgência de estratégias de prevenção voltadas a essa faixa etária.

Em relação à prevenção combinada, Silva et al. analisaram o acesso à PrEP no Brasil entre 2018 e 2023, identificando avanços importantes na cobertura, mas também barreiras específicas

enfrentadas por pessoas trans e travestis, relacionadas a estigma e discriminação nos serviços. Uma estratégia inovadora nesse campo é descrita por Rios et al., que propuseram a intervenção digital peer-led “Brilhar e Transcender”, voltada a jovens trans no Rio de Janeiro. O protocolo demonstrou potencial para aumentar a adesão à testagem e às estratégias de prevenção, ao utilizar lideranças comunitárias e plataformas digitais.

Sevelius et al. reforçam a importância de intervenções específicas para reduzir o estigma interseccional, mostrando que mulher trans podem ter até 34 vezes mais chances de viver com HIV do que a população geral. Wozniak et al., por sua vez, identificaram percepções equivocadas sobre a cura do HIV em mulheres trans e travestis, destacando a necessidade de ampliar o diálogo e a inclusão dessa população nas pesquisas.

Finalmente, Silva et al. apresentaram o framework *Situated Vulnerabilities and Resiliencies*, que propõe compreender a vulnerabilidade trans de forma interseccional e situada, incorporando direitos humanos e dimensões sociais além da perspectiva biomédica. Esse modelo amplia a visão da saúde trans, sugerindo caminhos para estratégias mais inclusivas e eficazes.

Em conjunto, os estudos reforçam que o HIV/AIDS não apenas reflete, mas intensifica a marginalização social das pessoas trans. Fatores como discriminação, desigualdades estruturais, precariedade socioeconômica, vulnerabilidade precoce, saúde mental fragilizada e lacunas na prevenção combinada formam um cenário complexo que impacta diretamente a expectativa de vida dessa população. A análise da literatura evidencia que a epidemia de HIV/AIDS entre pessoas transsexuais não se restringe a uma questão epidemiológica, mas reflete desigualdades históricas que atravessam esse grupo. Mais do que números de prevalência ou associações estatísticas, os estudos revelam como a exclusão social, a transfobia e a negligência institucional estruturam a vulnerabilidade dessa população, perpetuando um cenário de adoecimento e morte precoce.

A expectativa de vida reduzida, observada em diferentes contextos, não decorre apenas da infecção pelo HIV, mas sobretudo da dificuldade em estabelecer vínculos consistentes com o sistema de saúde. A experiência de estigma em serviços médicos alimenta o afastamento e cria barreiras para a testagem, o acompanhamento e a adesão terapêutica. Tal realidade mostra que a epidemia não pode ser controlada apenas com avanços biomédicos, mas exige transformação na forma como a saúde trans é acolhida.

Tabela 1 - Características e principais achados dos estudos incluídos na revisão

Título	Autores	Ano	Metodologia	Resultados	Conclusão
Associação entre migração interna e infecção pelo HIV entre mulheres transgênero do nordeste brasileiro	Beo Oliveira Leite et al.	2024	Estudo transversal nacional (Salvador, Recife, Fortaleza)	68,7% já atuaram como profissionais do sexo; migração associada à vulnerabilidade ao HIV	Migração aumenta probabilidade de infecção
Associação entre discriminação de gênero e consultas médicas e testagem para HIV	Beo Oliveira Leite et al.	2021	Estudo transversal, questionário, regressão logística	Discriminação reduziu consultas (-71%) e testagem (-59%)	Discriminação afeta acesso à saúde
Fatores associados às atitudes em relação à pesquisa de cura do HIV	Wozniak et al.	2020	Estudo transversal, questionário (118 mulheres trans/travestis)	Percepções equivocadas sobre cura do HIV	Necessário fortalecer diálogo com comunidade trans
Representações sociais de trabalhadoras sexuais e mulheres trans	Góis et al.	2019	Estudo qualitativo, entrevistas, TRS	Baixa escolaridade e vulnerabilidade socioeconômica	Necessidade de educação em saúde
Vulnerabilidade na saúde dos jovens transexuais com HIV/AIDS	Silva et al.	2020	Estudo qualitativo, IRaMuTeQ	Diagnóstico precoce, renda baixa, maioria no trabalho sexual	Despreparo dos serviços reforça vulnerabilidade
Reduzir o estigma interseccional no Brasil	Sevelius et al.	2024	Ensaio clínico randomizado	Estigma interseccional como barreira à prevenção	Intervenções específicas reduzem estigma
Representações Sociais de mulheres transexuais com HIV/AIDS	Abreu et al.	2020	Estudo qualitativo, TRS, IRaMuTeQ	338 segmentos de texto significativos	Representações sociais ajudam a compreender vulnerabilidade
Desenvolvimento de ferramenta de avaliação de conhecimento sobre HIV/AIDS	Ferreira et al.	2022	Pesquisa online (n=2552)	Jovens negros, pardos e indígenas têm menor conhecimento	Necessárias estratégias educativas
Prevalência global de HIV em mulheres trans	Dourado et al.	2024	Revisão sistemática global	Prevalência estimada em 19,9%	Evidencia magnitude da epidemia
Estigma, raça, educação e vulnerabilidade econômica no Brasil	Veras et al.	2024	Estudo observacional	Baixa escolaridade e não brancos têm menor supressão viral	Desigualdades estruturais afetam tratamento
Vulnerabilidade social e programática para pessoas trans no Brasil	Freitas et al.	2024	Scoping review	Identificação de exclusão escolar, violência e ocupações informais	Necessidade de políticas públicas inclusivas
Ideação suicida e tentativas entre pessoas trans no Brasil	CHINAZZ O et al.	2023	Estudo transversal (n=213)	72,3% ideação suicida; 42,7% tentativas	Urgência em políticas de saúde mental
Saúde mental em travestis e mulheres trans	Coelho et al.	2025	Revisão narrativa	Alta prevalência de depressão, ansiedade e uso de substâncias	Discriminação contribui para transtornos mentais
HIV em adolescentes travestis e mulheres trans	Dourado et al.	2025	Estudo epidemiológico	Prevalência de 2,7% vs 0,4% em mulheres cis	Mostra vulnerabilidade precoce
Acesso à PrEP no Brasil	Silva et al.	2024	Estudo observacional (2018–2023)	Barreiras de acesso; progressos recentes	PrEP avança no SUS
Intervenção peer-led digital para prevenção do HIV	Rios et al.	2023	Protocolo de intervenção digital (jovens trans)	Estratégia de pares melhora adesão ao teste	Abordagem inovadora e inclusiva
Quadro teórico: vulnerabilidades situadas e resiliências	Silva et al.	2024	Estudo teórico	Proposição do framework SVR	Sugere estratégias integradas aos direitos humanos

Outro aspecto crucial refere-se à saúde mental, que não deve ser tratada como consequência isolada da exclusão social, mas como determinante que retroalimenta a vulnerabilidade. Transtornos depressivos, ideação suicida e uso abusivo de substâncias comprometem a autonomia no autocuidado, fragilizam a negociação de práticas seguras e expõem a pessoa trans a relações abusivas. Esses elementos reforçam que políticas de enfrentamento do HIV devem incorporar estratégias integradas de atenção psicossocial.

É importante destacar ainda que a prevenção combinada, embora avance em países como o Brasil, permanece pouco acessível de forma segura e livre de discriminação. Experiências inovadoras, como intervenções digitais e ações comunitárias lideradas por pares, mostram que quando as pessoas trans participam ativamente da formulação de estratégias, há maior potencial de adesão e eficácia. Esse dado sugere que o protagonismo da comunidade é chave para superar a distância entre políticas públicas e realidades vividas.

Por fim, a discussão aponta para a necessidade de se considerar o HIV/AIDS entre pessoas trans como uma questão ética e política, mais do que meramente biomédica. A redução da expectativa de vida dessa população reflete o fracasso de uma sociedade em garantir direitos básicos, e não apenas o impacto de um vírus. Reverter esse quadro exige não só inovação científica, mas também o reconhecimento de que vidas trans são dignas de cuidado, proteção e esperança.

Conclusão

A análise dos estudos evidencia que o HIV/AIDS não é apenas uma condição clínica que acomete a população trans, mas sobretudo um marcador das desigualdades estruturais que atravessam suas vidas. A marginalização histórica, a exclusão educacional e laboral, o estigma interseccional, a vulnerabilidade precoce em adolescentes e o silenciamento de suas vozes nas pesquisas reforçam o ciclo de invisibilidade e morte precoce.

Se de um lado os números revelam uma prevalência alarmante de HIV entre mulheres trans — até 34 vezes maior que na população geral —, de outro lado expõem a negligência persistente de sistemas de saúde que falham em garantir acesso, acolhimento e continuidade do cuidado. Não se trata apenas de combater o vírus, mas de enfrentar os determinantes sociais que perpetuam o adoecimento: racismo, transfobia, pobreza e desigualdade de gênero.

A expectativa de vida reduzida dessas pessoas não pode mais ser naturalizada como consequência inevitável. Ela reflete uma sociedade que insiste em negar direitos básicos e a dignidade de existir. É urgente reposicionar a saúde trans como prioridade, com políticas públicas efetivas, protocolos específicos, prevenção combinada, atenção em saúde mental e inclusão ativa em pesquisas e decisões.

Assim, combater o HIV/AIDS entre pessoas trans é mais do que uma ação biomédica: é um ato político, ético e humano. Somente quando a vida trans for reconhecida como plenamente digna de cuidado e proteção será possível quebrar o ciclo da vulnerabilidade e transformar o HIV/AIDS de sentença social em condição manejável, com futuro e esperança.

Agradecimentos

Os autores agradecem à Faculdade Atenas – Sorriso pelo apoio institucional por meio do Programa de Iniciação Científica, que possibilitou o desenvolvimento deste trabalho.

Referências

ABREU, Paula Daniella de et al. Social representations of transsexual women living with HIV/AIDS. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 73, n. 3, e20180390, 2020. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0390>

CETOLIN, S. F. et al. Alterações na vida de acadêmicos da área da saúde em isolamento social por conta da Covid-19. *Scientific Electronic Archives*, v. 15, n. 4, 2022. <https://doi.org/10.36560/15420221529>

CHEFFER, Maycon Hoffmann et al. Mortalidade por câncer de colo de útero no Brasil no período de 2010 a 2019. *Scientific Electronic Archives*, v. 15, n. 8, 2022.

CHINAZZO, Ítalo R. et al. Factors associated with suicidal ideation and suicide attempt among transgender youth in Brazil. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, Basel, v. 20, n. 4, p. 3215, 2023. <https://doi.org/10.3390/ijerph20043215>

COELHO, David R. A. et al. Mental Health Outcomes Among Travestis and Transgender Women in Brazil: A Literature Review and a Call to Action for Public Health Policies. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, Basel, v. 22, n. 7, p. 977, 2025. <https://doi.org/10.3390/ijerph22070977>

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. *Stanford Law Review*, v. 43, n. 6, p. 1241–1299, 1991.

CUETO, Marcos; LOPES, Gabriel. Uma história global e brasileira da AIDS, 1981–2021. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2023.

DOS SANTOS, Camila Gomes et al. Pré-natal tardio: motivos e intervenções de enfrentamento na Atenção Primária à Saúde. *Scientific Electronic Archives*, v. 16, n. 6, 2023.

- DOURADO, Inês et al. Prevalence of HIV infection among transgender women and travestis in Brazil: data from the TransOdara study. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, São Paulo, v. 27, supl. 1, e240004.supl.1, 2024. <https://doi.org/10.1590/1980-549720240004.supl.1>
- FERREIRA, Rayanne C. et al. Development and evaluation of short-form measures of the HIV/AIDS knowledge assessment tool among sexual and gender minorities in Brazil: cross-sectional study. *JMIR Public Health and Surveillance*, Toronto, v. 8, n. 3, e30676, 2022. <https://doi.org/10.2196/30676>
- FLORES, C. A. da S. et al. Perfil epidemiológico da população masculina que vive com HIV/AIDS. *Scientific Electronic Archives*, v. 17, n. 6, 2024. <https://doi.org/10.36560/17620241991>
- FREITAS, Fernanda L. S. et al. Social and programmatic vulnerability in the context of transgender people's health: a scoping review of scientific evidence from Brazil. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v. 58, e20240104, 2024. <https://doi.org/10.1590/1980-220X-REEUSP-2024-0104en>
- GERALDELLI, D.; CASTOLDI, L. Immunologic Response to HIV Infection: Main Immunopathological Alterations. *Scientific Electronic Archives*, v. 8, n. 1, p. 87-92, 2015.
- GIL, K. A. S. et al. Compliance with treatment groups: an interdisciplinary strategy for assistance to HIV/AIDS patients. *Scientific Electronic Archives*, v. 10, n. 1, p. 145-149, 2017.
- GÓIS, Amanda Regina da Silva et al. Representações sociais de profissionais do sexo homossexuais, travestis e mulheres transexuais sobre a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida. *Enfermería Actual en Costa Rica*, San José, n. 38, 2019. <https://doi.org/10.15517/revenf.v0i38.36970>
- JESUS, Jaqueline Gomes de. *Transfeminismo*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2019.
- LEITE, Beo Oliveira et al. Association between gender-based discrimination and medical visits and HIV testing in a large sample of transgender women in northeast Brazil. *International Journal for Equity in Health*, London, v. 20, n. 1, p. 1–11, 2021. <https://doi.org/10.1186/s12939-021-01541-0>
- PAGE, Matthew J. et al. The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. *BMJ*, London, v. 372, n. 71, 2021. <https://doi.org/10.1136/bmj.n71>
- PEREIRA, K. V.; CAVALCANTI, P. P. Quality of life assessment of pregnant women living with HIV/AIDS. *Scientific Electronic Archives*, v. 11, n. 3, p. 76-86, 2018.
- RIOS, Luís F. et al. Brilhar e Transcender: digital peer-led intervention protocol for HIV prevention in transgender youth. *JMIR Research Protocols*, Toronto, v. 12, e45562, 2023. <https://doi.org/10.2196/45562>
- ROCON, Pablo Cardozo et al. Acesso à saúde pela população trans no Brasil: desafios e perspectivas. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 25, n. 4, p. 1130–1143, 2016. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902016160741>
- SEVELIUS, Jae et al. Reducing intersectional stigma among transgender women in Brazil to promote uptake of HIV testing and PrEP: study protocol for a randomised controlled trial of Manas por Manas. *BMJ Open*, London, v. 14, n. 6, e076878, 2024. <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2023-076878>
- SILVA, Rafaela Greice da et al. Vulnerability in the health of young transgender women living with HIV/AIDS. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 73, n. 5, e20190234, 2020. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0234>
- SILVA, V. et al. Situated vulnerabilities and resiliencies framework for HIV and transgender health. *The Lancet HIV*, London, v. 11, n. 12, p. e865–e873, 2024. [https://doi.org/10.1016/S2352-3018\(24\)00299-6](https://doi.org/10.1016/S2352-3018(24)00299-6)
- SOUZA, Crishian Alexandre et al. Pneumonia em pacientes infectados com o vírus HIV: uma revisão integrativa. *Scientific Electronic Archives*, v. 17, n. 4, 2024.
- SOUZA, D. A.; MORAES, Sabrina Félix dos Santos; FLORES, C. A. S. Sexuality and reproduction: Perceptions of women living with HIV/AIDS. *Scientific Electronic Archives*, v. 11, n. 2, p. 69-83, 2018.
- TRENTIN, G. C. C.; OLIVEIRA, R. R. R.; CUNHA, A. N. N. Epidemiological profile of viruses holders who conduct HIV treatment in service specialist care in Sinop-MT. *Scientific Electronic Archives*, v. 9, n. 4, p. 53-64, 2016.
- UNAIDS. *In Danger: UNAIDS Global AIDS Update 2022*. Geneva: UNAIDS, 2022.
- VERAS, Maria Amélia de Sousa Mascena et al. Correlation between gender-based violence and poor treatment outcomes among transgender women living with HIV in Brazil. *BMC Public Health*, London, v. 24, n. 1, p. 791,

2024. <https://doi.org/10.1186/s12889-024-18224-3>

WHO. Prevention and treatment of HIV and other sexually transmitted infections among men who have sex with men and transgender people: recommendations for a public health approach. Geneva: World Health Organization, 2012.

WOZNIAK, Robert J. et al. Factors associated with attitudes towards HIV cure research among transgender women and travestis: a cross-sectional survey in São Paulo, Brazil. *BMJ Open*, London, v. 10, n. 11, e040092, 2020. <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2020-040092>